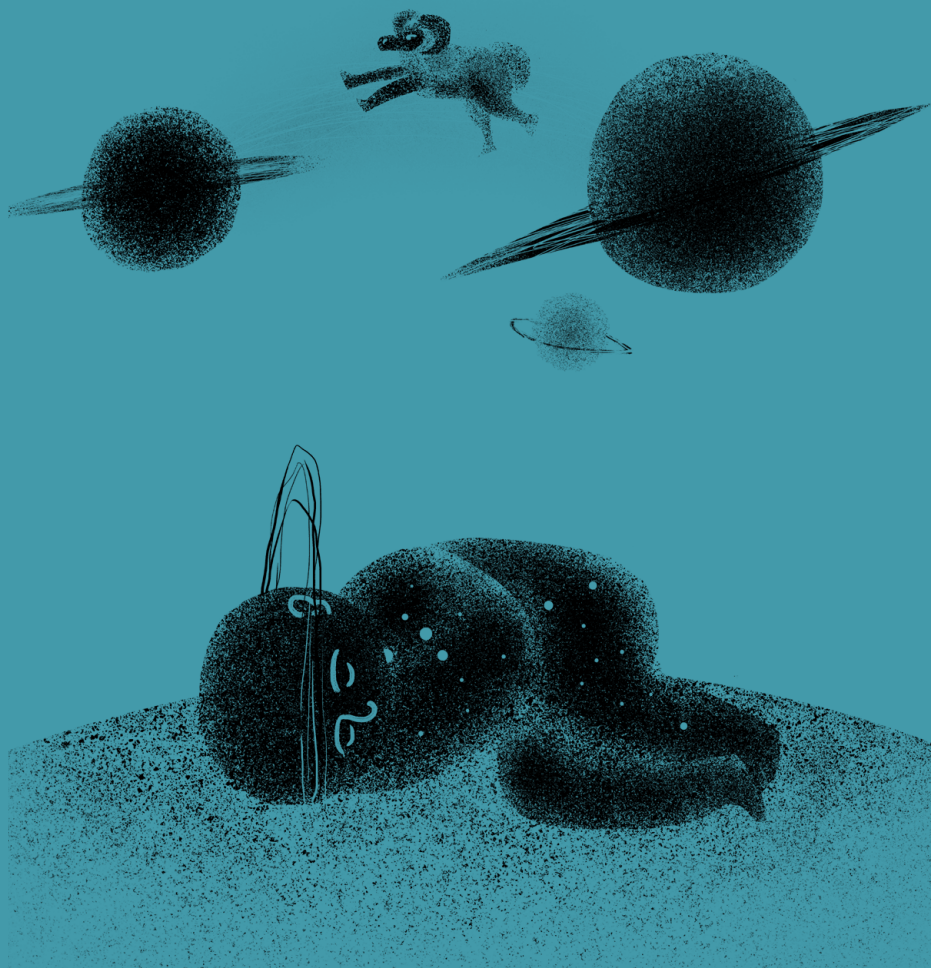


# O OUTRO MARCO POLO

QUE VIAJOU – TALVEZ –  
COM FERNÃO DE MAGALHÃES



DESCRIÇÃO ANOTADA DAS VIAGENS D'

# O OUTRO MARCO POLO

QUE VIAJOU – TALVEZ – COM FERNÃO DE MAGALHÃES

DA CONSTELAÇÃO DE  
ARIES | CARNEIRO – SETOR II

A exploração da constelação de *ARIES | CARNEIRO* – Setor II resultou em descrições meticulosas, que auxiliaram a esclarecer um pouco mais do que foi a Exploração. A hierarquia, os meios de transporte, as divisões de tarefas, tudo isso foi abordado nos relatos que os exploradores compartilharam.

Um aspeto curioso foi o da descrição do dia de embarque, que permite aferir que cada um possui as suas memórias e que cada texto reflete o espírito do seu autor. Tal como ocorre com qualquer outra descrição partilhada...

A História, demonstraram estes exploradores, faz-se dos contributos individuais, registados e transmitidos...

---

*Ao anónimo anotador das descrições,  
pertencem os itálicos que pontuam os textos.*

## A ILHA DAS EXTRETACHAS

**Título:** Descrição Anotada das Viagens d'O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães

**Sub-título:** Carneiro – Setor II

**Autores:** Afonso Mané, Alcía Lopes, Ana Salgueiro, Beatriz Ferreira, Bernardo Duarte, Dinis Monteiro, Dinis Rosário, Diogo Santos, Duarte Pedro, Francisca Almeida, Fábio Queirós, Guilherme Pinto, Gustavo Melo, Lara Martins, Laura Chissano, Luís Niza, Manuel Pina, Margarida Jesus, Maria Sousa, Martim Rodrigues, Matilde Sousa, Miguel Fontoura, Miguel Pinto, Pedro Figueiral, Pedro Pipo [Escola Básica de Vildemoinhos, 4.ªA (Carneiro – Setor II)]

**Design e Ilustração:** Miolo e Meio, lda.

**Edição e Anotações:** R. M. Ribeiro

O Projeto-Piloto de “O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães” foi desenvolvido com o Agrupamento de Escolas Grão Vasco, no âmbito da iniciativa da Memória Comum – Associação para os Museus Municipais – Viseu; e decorreu em Junho e Julho de 2019, resultando em 5 cadernos (cada pertencente a uma turma do 1.º Ciclo do Ensino Básico), que foram publicamente apresentados durante o festival “Mescla”, a 07/07/2019.

A Fase 1 de “O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães” iniciou-se a 20 de Setembro de 2019, data dos 500 anos da partida da Expedição de Fernão de Magalhães que completou a primeira viagem de circum-navegação ao globo terrestre.

[projectopatrimonio.com/o-outro-marco-polo/](http://projectopatrimonio.com/o-outro-marco-polo/)

Viseu, Junho, 2020.

Depois de vários dias a navegar chegámos a uma ilha. Era uma ilha fantástica. O chão estava coberto de esmeraldas, as casas forradas de diamantes e um surpreendente castelo, repleto de ouro. Ficámos encantados com tanta beleza!

Preparei-me para a minha nova aventura. Estava realmente empolgado. Queria percorrer aquelas longas praias, escalar rochedos gigantes e explorar a surpreendente fauna e flora.

Inesperadamente, fui cercado por plantas Extretachas (plantas locais). Então, peguei na minha espada e enfrentei-as. A pouco e pouco foram desaparecendo do meu caminho.

Continuei a percorrer a imensa floresta e ao longe avistei o cone de um vulcão. Segui até lá decidido a escalá-lo, mas um vento forte empurrou-me para dentro. Quando aterrei só vi lava e rochas a derreterem. Lembrei-me que dentro da minha mochila tinha uma máquina de teletransporte, apertei um botão e fui parar a uma casa assustadora. Abri a porta e fui até ao 2.º andar, onde avistei um esqueleto a comer dedos.

Fiquei assustado e comecei a correr. Enquanto fugia, tropecei e caí de uma janela – *sem me magoar!* Naquele momento fiquei encurralado por cães ferozes, mas um caçador furtivo apareceu e afugentou-os com a sua espingarda.

Continuei a percorrer os trilhos ainda com pequenos resquícios de lava da última erupção. De repente, surgiu à minha frente um enorme rochedo. Com uma corda tentei chegar ao topo, mas não resultou como eu pensava. Bebi uma “poção de super-pulo” para poder saltar bem alto. Saltei, saltei, saltei e consegui chegar ao cume. Depois bebi um pacote de etiel para a poção parar de fazer efeito. Senti-me um super-homem.

Ao entardecer regressei ao barco e esperei pelos meus amigos. Estava ansioso por lhes relatar todas as aventuras que vivi naquela misteriosa ilha.

## O TERRITÓRIO MISTERIOSO

Num dia de sol radiante eu e a minha tripulação embarcámos na viagem pelo mundo. Chegados a um território longínquo e misterioso ancorámos o barco. Cada tripulante decidiu explorar um pedaço daquele território ainda desconhecido.

Comecei a trilhar caminhos tortuosos. Ao longe avistei uma montanha com um bicho estranho no topo. Fiquei curiosa. Aproximei-me e comecei a escalar. Cheguei um pouco mais à frente e vi uma flor esquisita. Continuei e finalmente cheguei ao topo, onde conheci um ser com duas cabeças e corpo invulgar. Desci pelo outro lado da montanha e descobri uma casa também muito estranha. Bati à porta. Como ninguém respondeu, abri-a e entrei. Fui surpreendida por um ser minúsculo *{um duende}*, assustei-me, então fugi para o andar superior da casa. Tranquei-me dentro de um compartimento, mas o duende tinha uma chave. Abriu a porta e disse-me “olá”. Então vi que era simpático, conversámos um pouco e lá continuei o meu caminho.

Depois de algum tempo a caminhar, encontrei uma floresta muito escura. Ao atravessá-la comecei a ouvir uns barulhos estranhos, sons de passos a aproximarem-se e eu estava cada vez mais amedrontada. De repente, surgiu à minha frente um anão: era somente o lenhador que ali vivia. Trocámos algumas palavras e depressa descobri que era muito afável. Ficámos amigos, mas tive de me despedir, pois tinha de seguir viagem.

Continuei a caminhar e admirei a surpreendente fauna e flora. Tudo era muito estranho naquele território, mas ao mesmo tempo cativante. Passado algum tempo, despontaram no céu as primeiras estrelas, era o sinal de que tinha que regressar para junto da minha tripulação, tal como tínhamos combinado.

Esta foi a aventura mais estranha de todas que já vivi, mas também a mais ousada e surpreendente.

## A ILHA MISTÉRIO

Ao romper da manhã partimos em busca da Ilha Mistério. Seguiam no barco 25 pequenos exploradores e a sua Capitã. Navegámos por águas turbulentas algumas horas, até que avistámos a Ilha Mistério. Ancorámos o barco e cada explorador pegou na sua mochila e seguiu um rumo diferente.

Comecei a percorrer uma praia de areia grossa e ao longe avistei uma pequena casa pintada de vermelho com quatro janelas e uma porta. Um pouco mais à frente destacava-se um enorme monte de plástico e lá bem mais ao fundo uma pequena mancha verdejante, realçada por pequenas flores amarelas e brancas. Fiquei curiosa e aproximei-me da casa. Abri a porta e deparei-me com uma espada grande pendurada na parede central da sala, ao lado estava uma cadeira de madeira, enfeitada com luzes coloridas. Nela estava sentado um peluche em forma de monstro verde, o qual tinha o nome de Elfinho.

Saí daquela casa ainda intrigada e dirigi-me até ao monte de plástico. Como sei que é um material perigoso para a Natureza decidi depositá-lo no ecoponto amarelo. Fiquei feliz, mas um pouco cansada, por isso sentei-me à beira-mar para descansar, antes de seguir viagem.

Caminhei mais um pouco ao longo da praia e segui por um caminho estreito que me levou até à pequena floresta. Atravessei-a enquanto ouvia o cântico de algumas aves e o som dos animais que ali habitavam. Fiquei maravilhada.

O dia estava a chegar ao fim, era hora de regressar ao barco. Estava ansiosa por encontrar os meus amigos, queria contar-lhes todas as aventuras que vivi naquela ilha.

## A ILHA-DA-MAGIATIVIDADE

Depois de muitos dias em alto-mar, avistei uma ilha. Corri para ir buscar os binóculos e tentar descobrir mais acerca dela. Ao longe consegui avistar montanhas gigantescas, pássaros exuberantes e árvores de todas as cores. Era, de certeza, uma ilha mágica. Dei-lhe o nome de Ilha-da-Magiatividade.

Decidi aproximar-me e ir explorar. Remei muito rápido – *no meu bote* – e assim que cheguei fiquei espantada e encantada com tanta beleza.

Comecei a caminhar pelo imenso areal e ao fundo avistei um castelo, mas não era um castelo qualquer, era um pequeno castelo colorido e com três torres. Todas as árvores que o rodeavam eram de cores diferentes. Também havia pássaros com formas engraçadas e muito sarapintados.

Fui bater à porta do castelo para ver se era habitado. Quem abriu a porta foi um pequeno duende. Quando me viu ficou assustado pois pensou que eu era um gigante. Expliquei-lhe que no país onde vivo todas as pessoas são do meu tamanho e que estava ali apenas para conhecer a ilha, não queria fazer mal a ninguém. A partir daí ficámos amigos.

O pequeno duende, que se chamava Alcatruz, convidou-me para ficar mais uns dias e assim poder conhecer todos os duendes da ilha e ainda a sua magia. Depressa aceitei o convite e o meu novo amigo tratou de me arranjar um sítio confortável para eu ficar instalado.

Fiquei três dias naquela mágica ilha. Durante este período fiquei a conhecer a vida destes pequenos seres, os duendes, que espalham magia por onde passam, tudo o que lá existe é colorido e todos os seus habitantes são muito felizes. Todos os dias o sol brilha e ilumina a ilha inteira.

Quando chegou o dia de ir embora, de voltar ao barco e iniciar a viagem de regresso, a vontade era de ficar ali para sempre com aqueles duendes.

Vim embora, mas prometi a todos que um dia regressaria e que nunca iria dizer a ninguém onde fica esta ilha encantada onde todos habitantes são felizes.

## A ILHA DO FORMIGASSAURO

Após vários dias a navegar por mares desconhecidos, eu, a Capitã Celeste e o resto da tripulação, finalmente avistámos terra, numa latitude e longitude nunca alcançadas.

A minha capitã ordenou:

– Bernardo, vai a terra no bote e, quando regressares, contas o que encontraste.

Quando desembarquei, tudo aquilo parecia um paraíso, mas, após caminhar alguns minutos, só se via lixo, lixo e mais lixo. Avis-tei homens a depositar lixo naquele espaço. Indignado, questionei quanto ao porquê de poluírem a sua própria ilha: porque é que não utilizavam o ecoponto?

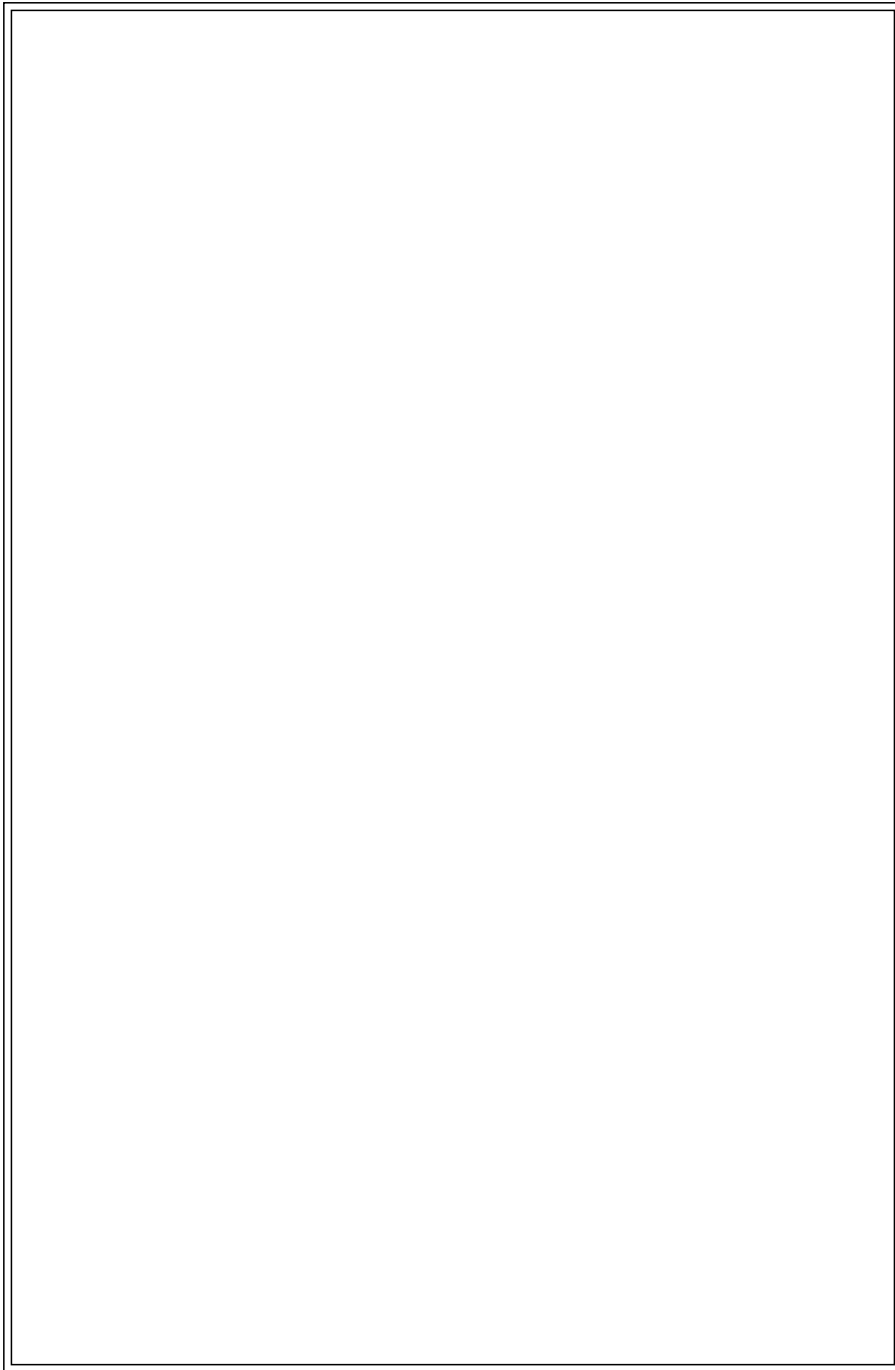
Eles responderam que aquele era o espaço da ilha onde, desde sempre, se depositava o lixo... não sabiam o que era um ecoponto!

Informei-os então sobre reciclagem. Também sobre como os ecopontos serviam para separar o lixo que se faz todos os dias! Propus construirmos um e tornar a ilha numa ilha ecológica... Eles aceitaram!

Decorrido um dia, já se podia fazer a reciclagem. A missão estava cumprida! Despedi-me e caminhei em direção ao barco.

A meio do caminho tropecei e, inesperadamente, surgiu uma luz brilhante vinda do chão. Deixou-me intrigado. Saíam agora, de uma pequena cratera, pequenos diamantes, um rubi de tons vibrantes e uma esmeralda com a sua cor incomparável. Imediatamente, a terra começou a tremer, saindo de lá um estranho animal. Era um Formigassauro, uma espécie muito antiga, metade formiga e metade dinossauro. Começou a correr na minha direção, mas com a minha astúcia de guerreiro, consegui despistá-lo. Corri o mais depressa que pude em direção ao barco. Estava salvo, mas não poderia resgatar aquele valioso tesouro vindo do interior da terra.

Chegado ao barco, relatei ao pormenor a minha aventura naquela ilha.



## O HABITANTE DA ILHA MISTERIOSA

Num belo dia de sol, eu e a minha tripulação chegámos a uma ilha misteriosa.

Quando ancorámos o barco deparámo-nos com uma ilha gigante. Avistámos praias divididas por rochedos gigantes e uma floresta densa povoada por animais selvagens. O céu cobria-se de pássaros coloridos que emitiam cânticos estranhos.

Separámo-nos e eu dirigi-me até ao centro da ilha. Estava preparado para mais uma aventura realmente empolgante.

Comecei a percorrer a imensa floresta quando encontrei um vulcão que parecia estar inativo. Continuei a viagem e observei alguns animais curiosos e desconhecidos para mim. Tirei da mochila o meu caderno de anotações e desenhei-os pormenorizadamente. Mais à frente avistei uma casa muito colorida e fiquei intrigado.

Dirigi-me até lá e reparei que a chave estava na porta. Muito curioso, abri-a e comecei imediatamente a explorar cada espaço. Estava mobilada e deu-me a impressão que era habitada. Do nada, ouvi um barulho e, muito assustado, corri para a porta. No entanto, para minha surpresa, esta encontrava-se trancada, parecia uma cena de um filme de terror! Entretanto, avistei uma pessoa e, chocado, perguntei:

– Quem és tu?

– Sou apenas um rapazito. Fugi da minha terra onde me tratavam mal e vim parar a esta ilha. Aqui sou feliz– explicou o gaiato.

Ficámos algum tempo a conversar e prometi-lhe que regressaria mais vezes para o visitar.

Começou a entardecer e regresssei a casa com a minha tripulação.

## A ILHA DOS ROBOTS

Embarcámos no navio Sagres, para dar a volta ao Mundo.

Eu estava muito ansioso, parecia um sonho, era a primeira vez que viajava num navio. Esta viagem tinha sido um prémio que me saiu num concurso. Quando o navio começou a afastar-se do cais senti um friozinho na minha barriga, mas estava feliz e muito curioso.

A certa altura, durante a viagem, fazia muito vento, chovia imenso e apareceu a tempestade Elsa. As velas do navio partiram-se e o navio ficou à deriva no mar.

No dia seguinte, quando acordei, estava numa ilha muito escura e sem árvores ou plantas. Pensei para mim, mas afinal onde estou? Apenas via robots a andarem de um lado para o outro e que não comunicavam comigo. Nessa altura senti-me sozinho e triste. A cor que dominava na ilha era o cinzento, pois era tudo feito de metal.

Olhei para o céu azul e avistei um helicóptero. Nessa altura comecei aos saltos e levantei a bandeira de Portugal que tinha trazido na minha mochila. O helicóptero lançou uma corda em forma de escada e eu lá consegui subir. Qual não foi o meu espanto quando vi que o piloto falava português e pertencia à Força Aérea Portuguesa! Foi um momento mágico e inesquecível. Não foi uma viagem de sonho, mas foi um sonho voltar ao meu país, que é maravilhoso e onde eu sou muito feliz.

## FUTEBOLÂNDIA

Num lindo dia de sol, eu e os meus colegas combinámos ir com a nossa Capitã Celeste dar uma volta no navio, *para descontrair da Exploração*.

Já no meio do oceano, a nossa Capitã avistou, através do seu binóculo, uma ilha. Como era de difícil acesso tivemos de ir nos botes do navio. Chegados à ilha ficámos espantados com as 300.000 bolas de futebol e os 1001 campos de relvados verdejantes que pareciam autênticos estádios de futebol. Contudo, o mais engraçado de tudo isso era que as bolas eram feitas de cocos, as balizas eram coqueiros e, para além disso, os habitantes eram milhares de crianças fanáticas por futebol. Entusiasmados criámos logo equipas e ficámos a manhã inteira a jogar futebol.

Chegada a hora do almoço fomos à procura de um restaurante. Encontrámos um fantástico. As cadeiras eram bolas de futebol, as mesas pareciam o relvado, os funcionários trajavam equipamentos de diferentes clubes de futebol, como por exemplo, Futebol Clube do Porto, do Benfica, do Sporting... Fiquei ainda mais delirante por ser atendido pelo funcionário do Benfica. O prato que escolhi foi bitoque à benfiquista. Quando chegou o meu prato, deparei-me com algo extraordinário, batatas fritas em forma de apito, arroz que mais parecia relvado, bife em forma de balizas...

Já de estômago cheio voltámos para os campos de futebol e continuámos o nosso torneio. Que tarde tão divertida!

Tínhamos de regressar antes de anoitecer. Entrámos no navio ainda muito animados pela surpreendente aventura vivida na ilha Futebolândia.

Assim que chegámos, avistei uma ilha muito colorida. Era povoada por palmeiras cor-de-rosa e brancas, frutas e legumes falantes, montes de tartarugas com carapaças cheias de uma espécie de picos e, o mais incrível de tudo, era que em vez de cair chuva caíam hambúrgueres!

Depois vi morcegos a comerem fruta, ursos polares com frio e candeeiros saltitões. Também vi bolinhas verdes a aproximarem-se. Quando as observei de mais perto, percebi que eram uma espécie que não conhecia. Tinham pele verde, caudas coloridas, dentes prateados, sorriso alegre e eram muito rápidas e criativas. Dei-lhes o nome de “Criavais”.

Entretanto, perdi-me. Então tentei procurar ajuda e foi quando avistei uma criatura enorme que podia engolir três casas de uma vez. Tinha uma coroa, ou lá o que era na cabeça, e ao seu redor havia hienas com cabeça de pato, que em vez de patas possuíam cascos a segurar folhas de palmeira, refrescando assim a grande criatura. Imediatamente, perguntei-lhe como voltar para a praia dos Criavais. Depois de algumas tentativas de lá consegui chegar ao meu destino. Pelo caminho encontrei mais espécies, que fotografiei. Estava a adorar conhecer todo este mundo mágico, tão diferente do meu. Por isso, decidi permanecer mais alguns dias para conhecer melhor este fabuloso mundo ao qual dei o nome “Criativilha”.

Na nova caminhada que fiz pela ilha encontrei várias sementes e ovos. Decidi semeá-las e chocar os ovos num espaço aberto. Antes mesmo de me poder aborrecer à espera do que poderia surgir, desabrocharam flores com dentes, árvores cujo fruto eram obras de arte de pintores famosos, múmias dançarinas, “Pinguartas”, ou seja, criaturas metade pinguim e metade lagarta, galinhas voadoras e girassóis a cantar ópera.

Preparava-me para a viagem de regresso a casa, tentei colher um girassol, mas assim que peguei num, todas as outras plantas começaram a seguir-me. Eu corri o mais depressa que pude em direção ao barco. Porém, os Criavais, quando se aperceberam, empataram-nas até que eu embarcasse...

Eu, a Capitã Celeste e os meus colegas iniciámos uma viagem de barco. Queríamos explorar o mundo. Eu estava com um bocado de medo, mas não o revelei a ninguém.

Atracámos – *finalmente* – numa pequena ilha. Avistámos uma imponente montanha e ao seu lado, muitos coqueiros. Eu e toda a tripulação fomos até lá, apanhámos cocos e deliciámo-nos com uma refrescante água de coco. Depois decidimos escalar a montanha. Já no topo avistámos uma casa estranha. Fomos até lá, mas como não tinha ninguém, seguimos viagem.

Depois de algumas horas a navegar, surgiu do lado direito do barco um peixe-palhaço, parecia que estava a pedir ajuda. Mergulhei, peguei nele, trouxe-o para o convés e coloquei-o num recipiente que os meus colegas prepararam. A nossa Capitã disse-nos que o peixe estava doente, seria necessário levá-lo até um biólogo marinho. Seguimos viagem muito preocupados.

No caminho, avistei uma ilha um pouco estranha, mas muito colorida. As casas assemelhavam-se a casotas, a gaiolas a aquários e estavam rodeadas por uma frondosa e folhuda floresta. Chamei os meus colegas e a Capitã e decidimos ancorar o barco. Dirigimo-nos até à casa aquário, batemos à porta e pedimos ajuda. Um biólogo examinou o peixe e disse-nos que tinha ingerido grande quantidade de microplásticos. Teria de ficar uns dias em observação e só depois seria novamente lançado ao mar.

Ficámos contentes por salvar aquele peixe. Despedimo-nos e regressámos ao barco para continuar a nossa surpreendente aventura.



## A ILHA DAS CORES

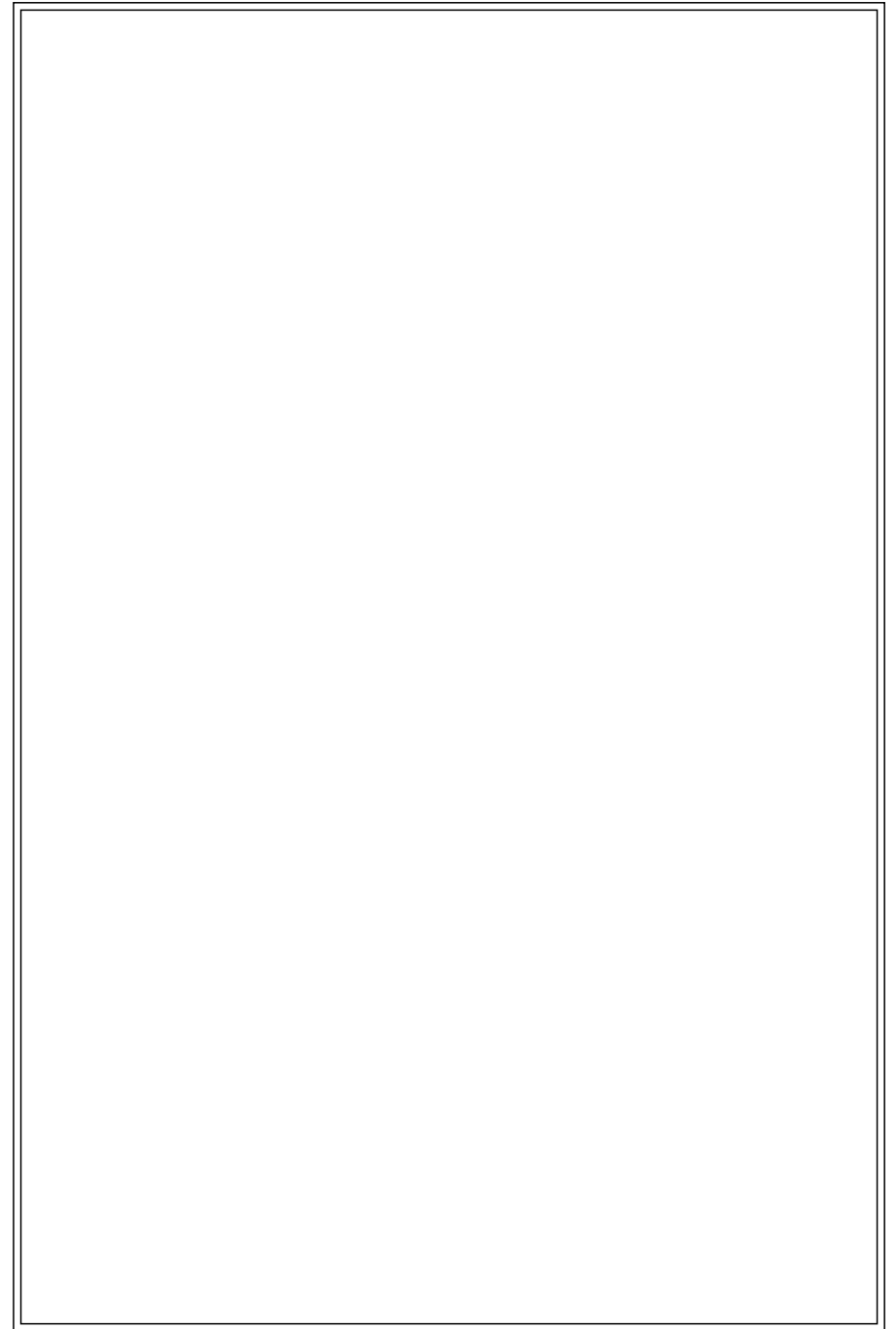
Depois de vários dias a navegar pelo Oceano, percebemos que estávamos a chegar a uma barreira de corais. A nossa Capitã Celeste alertou que estaríamos perto de terra e que deveríamos fazer esse percurso de jangada, de modo a podermos atracar mais facilmente. Avistámos uma pequena enseada e deixámo-nos ir, pois a maré estava a subir. Desembarcámos para fazer uma vistoria à ilha, de modo a vermos os possíveis perigos, não sem antes, atarmos a jangada, para não ser levada pelas águas.

Ao pisarmos a areia, tivemos uma das melhores sensações possíveis. Eram bancos de areia branca e tão fina, que quase parecia desfazer-se debaixo dos nossos pés descalços. O cenário era irreal! Até era possível ver os golfinhos brincar, a poucos metros de distância.

Atravessámos a praia e observámos uma mata tão extensa e densa, que parecia impenetrável. No entanto, fomos entrando mata adentro. A paisagem era calma e maravilhosa, com murmurantes riachos, que caíam em espetaculares cascatas de água tão cristalina que conseguíamos ver os peixes coloridos, de espécies que nunca tínhamos visto antes. Eram cardumes enormes, com escamas de várias cores e barbatanas que lembravam as asas das borboletas e lhes permitiam fazer pequenos voos fora de água. As cascatas formavam lagoas, com água quente, límpida e transparente, nas quais demos vários mergulhos e brincámos com os peixes, que pareciam autênticos animais domesticados. Demos-lhes o nome de “fly-fish”.

As árvores eram frondosas, com folhas recortadas, de cores variadas. Todas elas eram frutíferas, cheias de frutos desconhecidos para nós, das mais variadas formas e feitios. Provámos alguns... Eram tão doces e frescos, que lhes chamámos “bombons de menta”.

Decidimos pernoitar na ilha e procurámos uma gruta onde pudessemos abrigar-nos. Havia uma enorme diversidade de animais exóticos, com um ar muito ternurento e que nos seguiam e brincavam connosco, sem qualquer receio. Estávamos cansados e depressa adormecemos, mas antes chegámos a um consenso sobre o nome mais apropriado para aquela ilha paradisíaca – Ilha das Cores.



## A ILHA BRANCA

Num dia de nevoeiro, pelas 8:30, a tripulação composta por vinte e cinco exploradores e a sua capitã partiu do porto. Saímos a bordo de um imponente veleiro com velas triangulares e brancas. Já em alto mar, e depois de cinco horas a navegar, avistámos uma ilha deserta de areia muito fina e branca como a neve, demos-lhe o nome de Ilha Branca.

Ancorámos o veleiro na pequena baía da ilha e cada pequeno explorador seguiu uma rota diferente. Tínhamos como missão conhecer cada canto da ilha, registar e fotografar tudo para revelar à Capitã.

Parti à descoberta. Ao longe avistei uma densa floresta de palmeiras e outras árvores tropicais. Segui até lá. Inesperadamente, num ramo de uma palmeira, vejo o réptil mais curioso da natureza. Tinha olhos enormes, saliências na face, crista na cabeça, cauda enrolada, língua comprida e cores muito vivas, certamente já adivinharam que se tratava do fascinante camaleão.

Continuei a caminhar, atravessei toda a floresta e, já no centro da ilha, vi um enorme lago rodeado de bonitas e raras espécies de flores. Ouvei o cântico melodioso das aves que por ali passavam... parecia que estava num lugar encantado. Sentei-me junto do lago e olhei toda a beleza desta encantada ilha. Mas, naquele momento, dei conta de que começava a escurecer e tinha de regressar ao veleiro.

Comecei a caminhar a passos largos em direção à embarcação, mas prometi a mim mesmo que regressaria um dia a esta singular ilha.

Chegado ao navio relatei com muitos pormenores todas as descobertas e revelei surpreendentes fotografias de todos os lugares mágicos que encontrei.

## A ILHA MISTERIOSA

Num dia chuvoso, o navio da frota de Fernão de Magalhães ancorou numa ilha verdejante, no meio do Oceano. Eu e os meus companheiros de viagem separámo-nos para a explorar. Cada um seguiu uma direção diferente.

Comecei a caminhar junto ao mar e avistei uma pequena cabana. Parecia velha e muito assustadora. Muito curioso, fui até lá. Entrei e vi apenas um baú, junto dele estava um pequeno pedaço de papel com uma mensagem. Li-a: “Segue viagem até encontrares um alçapão que te levará à sala assombrada!”.

Depois de muito procurar, encontrei o tal alçapão e descí até à sala assombrada. Já na sala, descobri uma nova pista, mas desta vez alertou-me para a existência de armadilhas. Ultrapassei-as a todas, exceto uma. Esta deixou uma marca horrível, no meu olho esquerdo. Mesmo assim não desisti. Continuei. Finalmente, encontrei a chave. Voltei à cabana e, cheio de curiosidade, abri-o. Dentro encontrei um mapa do tesouro, mas isso já não era da minha responsabilidade...

Próximo da cabana existia um povoado e foi para lá que decidi ir. No caminho, cruzei-me com um homem de aspeto rude e muito velho. Perguntei-lhe qual era o nome daquela povoação. Mas o pobre homem não percebeu e contou-me uma história da Atlântida. Acho que sei porquê... ele parecia um Atlante...

Será que estávamos na Atlântida ou o velho era um descendente dos sobreviventes do terramoto que a destruiu? – Interroguei-me, ainda intrigado.

Quando ele acabou de contar a longa e fabulosa história, regresssei à nau para entregar o mapa do tesouro a Fernão de Magalhães e dei um nome àquela ilha: A Ilha Misteriosa.

(Seguiram-se outras aventuras na minha vida de marinheiro, que um dia irei contar.)

## A ILHA DOS GATOS

Num belo dia, eu e todos os meus colegas de turma, juntamente com a capitã, embarcámos num majestoso navio. Queríamos percorrer os sete mares e explorar um mundo ainda desconhecido. Passado algum tempo e enquanto olhava para o infinito do mar, avistei lá ao longe uma ilha.

Ancorámos o barco e saímos para explorar a enigmática ilha. Comecei a percorrer uns caminhos estreitos e parei junto de umas plantas muito estranhas. Tinham riscas de várias cores e orelhas de gato. Nunca tinha visto nada assim.

Continuei a caminhar. De repente, ouvi uns sons esquisitos. Aproximei-me do local de onde vinha aquele som e vi uma pequena casa, que parecia abandonada. A porta estava entreaberta e decidi entrar. Ouvi ronronar, dei mais um passo e alguém perguntou numa voz estranha: – “Quem está aí?”

Pedi desculpa e disse que sabia que não devia ter entrado sem autorização. Apresentei-me e perguntei – um pouco assustada, mas curiosa – quem estava ali. Inesperadamente, apareceu à minha frente um gato muito invulgar.

– Olá, Lara. Estava a dormir uma sesta – disse o gato, espreguiçando-se.

– O quê, tu falas? Mas és um gato! Acho que estou a sonhar – disse eu muito impressionada.

– Sim, eu falo. Esta é a ilha dos gatos, não reparaste ainda? Aqui nesta misteriosa ilha vivem várias raças de gatos, ainda não encontraste nenhum?

– Não, és o primeiro. Que ilha mágica! Como te chamas bonito felino?

– Chamo-me Kika e adoro viver nesta ilha tranquila.

Após uma longa conversa, despedi-me da enigmática habitante e continuei a explorar.

## A ILHA DO BOB STROGONOFF

Num dia de tempestade, 25 marinheiros e a capitã do navio embarcam numa aventura em direção a uma ilha misteriosa. Chegados à ilha, atracámos o navio. A capitã ordenou que nos separássemos.

Eu segui em direção a uma montanha bem alta. Escalei-a até ao topo e lá encontrei uma flor chamada “Não Sei Quê”. Desci e continuei a explorar o território. Mais à frente encontrei uma casa um pouco estranha e misteriosa, por isso, decidi bater à porta. Entrei. Estava muito escuro. A minha sorte foi a de ter uma lanterna comigo. Direcionei o foco de luz para dentro da casa e nem queria acreditar no que os meus olhos viam, estava um homem pálido, já de alguma idade, com roupas muito gastas a ler um livro. De repente, virou-se e cumprimentou-me.

Eu, assustada, corri e fui esconder-me dentro de um armário. Fiquei bem aconchegadinha e sem respirar para não me denunciar. Comecei a ouvir uns passos. À medida que estes se aproximavam fiquei ainda mais amedrontada. Mas, do nada, os passos pararam. O homem abriu a porta e estendeu-me a mão, pedindo-me delicadamente para sair.

Obedeci e, ainda assustada, perguntei-lhe o nome. Ele disse-me que se chamava Bob Srogonoff. Conversámos um pouco e ele convidou-me a conhecer o tesouro daquela ilha. Eu fiquei confusa naquele momento e não sabia o que dizer, por isso acenei afirmativamente com a cabeça. Ele conduziu-me até ao tesouro.

Juntos, subimos a montanha, a mesma que eu tinha escalado antes. Seguimos ao longo das margens de um rio com águas bem cristalinas, até que avistámos uma porta à entrada de um túnel. Tínhamos chegado. O meu amigo colocou a chave na velha e enferujada fechadura e a porta abriu-se. Fiquei maravilhada com aqueles baús cheios de ouro e joias, parecia o tesouro de um pirata.

Abandonámos o local em silêncio. Antes de partir despedi-me do meu novo amigo. Caminhei algum tempo e avistei o navio. Apressei o passo, pois estava ansiosa por relatar aos meus colegas todas as aventuras que vivi nestas mágicas horas.

## A ILHA DOS TESOUROS

Num belo dia de sol, os 25 exploradores e a sua Capitã iniciaram uma viagem de navio. Iam em busca de tesouros desaparecidos.

Já em pleno oceano, um membro da tripulação avistou uma grande e estranha ilha. Estava rodeada de enormes rochedos que se estendiam pelas praias. Outro membro da tripulação reconheceu uma floresta densa e habitada por mamíferos estranhos. Ficámos todos curiosos e decidimos desembarcar ali mesmo.

Já em terra, a nossa capitã ordenou que nos dividíssemos em grupos. Eu segui com o Pedro e o Dinis.

Seguímos juntos ao longo de uma praia, mas passados alguns minutos desviámo-nos para o interior da ilha. De repente, avistámos uma enorme montanha que deixava ver um vulcão. Fugimos a sete pés, não estivesse ele ainda ativo. Mais à frente, vimos um pequeno povoado. Resolvemos explorá-lo. Entrámos numa casa um pouco estranha, onde encontrámos um mapa antigo. Parecia um mapa do tesouro.

Partimos à descoberta do tesouro. Ao longo do caminho encontrámos um pirata com duas cabeças e oito pernas. Pedimos-lhe ajuda.

Chegámos à porta do pequeno e misterioso castelo que guardava o valioso tesouro. O pirata com a sua magia abriu a resistente porta. Entrámos numa pequena sala. Em cima de uma mesa estavam baús cheios de moedas de ouro. Acabávamos de encontrar o precioso tesouro que tantos outros aventureiros tinham procurado. Cada um de nós trouxe apenas um. Depois colocámos o mapa no interior de um dos baús e abandonámos o castelo em silêncio.

Começámos a caminhar em direção ao navio com passos bem apressados, pois estávamos ansiosos por partilhar as aventuras desta expedição à ilha do tesouro.

## O ARQUIPÉLAGO DAS MIL DESCOBERTAS

A turma partiu numa aventura marítima à volta do Mundo. O navio levantou âncoras às 10h35m, junto ao Padrão dos Descobrimentos, em Lisboa. Todos estávamos entusiasmados e ansiosos, pois ninguém sabia o que iríamos encontrar ao longo da viagem.

Depois das despedidas de pais e familiares, lá partiu o barco rumo ao Oceano Atlântico. Passámos junto à Ilha da Madeira e logo avistámos a costa Africana, que percorremos durante dias. Atracámos em alguns portos para conhecer alguns povos e trazerem comida e água.

Continuámos a viagem até que, certo dia, dois exploradores bem atentos avistaram ao longe uns pequenos pontos escuros no meio da água. Muito entusiasmados, chamaram a Capitã do navio, que logo direcionou a embarcação para lá.

Chegados mais perto, verificámos que estávamos junto de 13 pequenas ilhas selvagens e muito verdejantes. Às ordens da Capitã, desembarcámos para cumprir um grande desafio: divididos em pares, teríamos que partir à descoberta das 13 ilhas, fotografar toda a fauna e flora e outras relíquias encontradas.

Passadas quatro horas, os 25 exploradores regressaram ao navio com surpreendentes fotografias de todos os lugares mágicos que conheceram para revelar à Capitã. Havia pássaros que pareciam o arco-íris, plantas que brilhavam ao entardecer, cascatas de água de cor turquesa e muitos animais pacíficos que festejavam sempre que viam passar pequenos exploradores.

Depois de tantas maravilhas, a tripulação decidiu batizar aqueles pequenos pontos de terra com o nome de “O Arquipélago das Mil Descobertas”.

(Ao regressarmos da viagem, decidimos escrever um livro cujo título seria o nome do Arquipélago, onde contávamos as nossas aventuras, ilustradas pelas fotografias fantásticas recolhidas ao longo da expedição.)

## A OUTRA ILHA MISTERIOSA

Num belo dia de verão, 25 exploradores e a Capitã do navio partiam em busca da ilha misteriosa... O navio levantou âncoras às 7h35m...

Depois de alguns dias de viagem avistámos uma ilha. Muito entusiasmados, chamámos a nossa Capitã, que deu ordem para ancorar a embarcação no próximo porto.

Já em terra firme, separámo-nos. Cada um dos pequenos exploradores seguiu uma direção distinta.

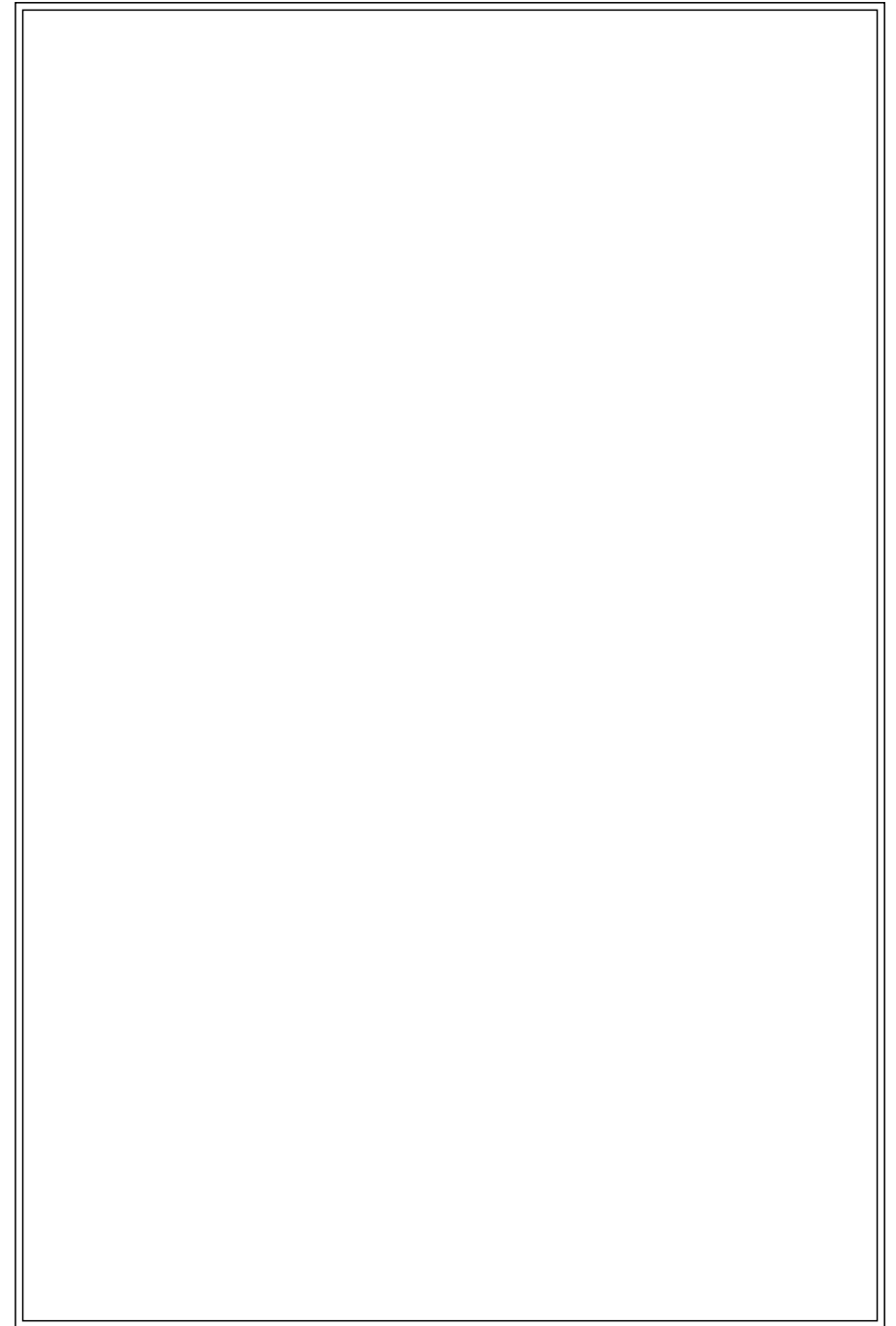
Eu segui em frente. Avistei uma extensa floresta de palmeiras e caminhei a passos apressados até lá. Atravessei-a e senti-me bem pequenina. Mais à frente avistei três casas feitas de madeira. Estavam numeradas.

Entrei na casa número 1, estava vazia. Na casa número 2 encontrei um baú com sementes, cheirei-as e guardei-as na mochila para as semear quando chegasse a casa. Avancei para a casa número 3, onde encontrei, em cima da mesa, um rádio, uma cassete e uma pulseira feita de pequenas conchas coloridas. Liguei o rádio e ouvi o maravilhoso e calmo som das ondas do mar. Peguei na pulseira e coloquei-a no braço esquerdo. Saí.

Continuei a explorar a ilha misteriosa. Dirigi-me até uma praia de areias finas e com águas cristalinas. Ao longe avistei golfinhos que emitiam o seu característico som, enquanto davam saltos acrobáticos para a água. Observei-os durante algum tempo.

Mas começava a entardecer. Era hora de regressar à embarcação. Estava ansiosa e curiosa. Queria comunicar aos meus amigos todas as descobertas que tinha feito, mostrar-lhes o que recolhera, mas também conhecer as suas aventuras pela ilha misteriosa.

Já no navio, cada um revelou as suas descobertas e prometemos regressar um dia àquela ilha.



## O ARQUIPÉLAGO DAS 25 ILHAS

Nós, guiados pela nossa Capitã de embarcação quisemos também participar numa viagem inesquecível pelo Oceano. Íamos em busca do arquipélago desconhecido.

Já em alto mar e depois de dois dias a navegar em águas agitadas, avistámos uns pequenos pontos no meio do oceano. Era o arquipélago que procurávamos. Ancorámos o barco na baía. A nossa missão era conhecer todo o arquipélago. Cada um seguiu para uma das vinte e cinco ilhas que o formavam.

Iniciei a minha missão com a escalada a uma montanha muito íngreme. No topo encontrei uma pequena flor, de uma espécie rara. Fotografei-a e desci com muito cuidado.

Segui viagem e voltei a ficar surpreendida com um grupo de borboletas muito coloridas, umas pousadas em flores singulares e muito originais, outras esvoaçavam em várias direções. Registei o momento com o meu telemóvel.

Continuei a percorrer a ilha, avistei ao longe uma gruta. Apressei o passo. À entrada, abriu-se um túnel com múltiplas galerias. Comecei a visitá-las uma a uma e fiquei rendida a tanta, mas tanta beleza. Numa das paredes descobri um fóssil com milhares de anos, noutra vi representações de alguns animais. Do teto de algumas salas pendiam enormes estalactites que me impressionaram, nunca tinha visto nada assim! Também vi pequenos lagos de águas cristalinas. Registei tudo e abandonei a gruta ainda deslumbrada.

Comecei a correr em direção ao barco, queria partilhar rapidamente com os meus colegas todas as incríveis descobertas que fiz.

## A AVENTURA NA ILHA DO NÁUFRAGO

Eu e os meus amigos partimos para aquela que Iria ser a maior aventura das nossas vidas. Rumámos inicialmente em direção ao continente Africano.

A viagem foi calma, até certa altura. Mas, a pouco e pouco, o mar começou a ficar agitado e o vento a soprar forte. O pânico instalou-se. Inesperadamente, o barco começou a afundar, corremos rapidamente para o barco salva-vidas. Entrámos ainda assustados e prosseguimos viagem. Ficámos tão cansados e ensopados que acabámos por adormecer. Quando acordámos estávamos numa ilha desconhecida. Atracámos o barco e decidimos ir cada um para seu lado explorar.

Caminhei um pouco pela praia e depois entrei numa floresta sombria. Mais à frente encontrei um pequeno rio onde saciei a minha sede. Prossegui viagem ao longo da margem e avistei uma casa de madeira. Aproximei-me dela para a ver mais de perto. Estava paralisado a olhar para a beleza natural da casa, quando senti um toque no ombro. Virei-me e deparei-me com o rosto de um senhor muito simpático que me contou como foi ali parar e como tinha sobrevivido sozinho naquela ilha.

O senhor, muito afável e com voz melodiosa, ofereceu-me abrigo e comida. Depois de matar a fome, agradei-lhe. Mais tarde, contou-me algumas das fascinantes aventuras que tinha vivido naquela ilha. Fiquei encantado.

Já ao final da tarde, os meus colegas de tripulação apareceram. Passámos ali uma semana e descobrimos lugares mágicos e encantadores, até que chegou um navio que nos resgatou.

## A PAUSA NA ILHA

Nós e a nossa capitã de embarcação decidimos também participar na viagem memorável, *da Exploração*.

Depois de algum tempo a navegarmos ao longo da costa avistámos um “agigantado” navio com uma bandeira vermelha e preta. Por momentos a Capitã pensou tratar-se de pirataria. É que naquele período, grupos de piratas cruzavam os mares e faziam pilhagens aos navios, saqueando todas as riquezas. Por isso, aproximámo-nos lenta e cautelosamente. Na proa do navio apareceu um homem de vestes brancas e com uma coroa na cabeça dizendo:

– Venham até nós! Sou o Capitão desta embarcação. A nossa tripulação está em festa, pois descobrimos, nesta extensa costa, bonitas e calmas praias com gente muito simpática e hospitaleira. Venham, atracamos um pouco mais à frente.

Rapidamente a nossa capitã reconheceu o seu amigo e também capitão Faustino. Assobiou aos marinheiros que, ao ouvirem o sinal, viraram tudo a estibordo e seguiram o barco amigo.

Atracámos numa pequena e simpática ilha. Imediatamente percorremos o areal e chegámos a uma praia de areias brancas e sedosas onde já decorria um desfile muito curioso, que alertava para a sustentabilidade ambiental. Mais tarde assistimos a um concerto musical.

Todos nos divertimos muito. Mas a nossa capitã deu o sinal de partida. Corremos em direção à embarcação e seguimos para mais uma nova aventura.

## SALGALÂNDIA

A tripulação dos 26 atracou num território calmo e desértico. A nossa Capitã ordenou que saíssemos para fazer as nossas explorações e, também, que só regressássemos ao fim do dia, para revelar todas as descobertas.

A bordo de uma jangada, avistei uma pequena ilha. Aportei e fiquei pasmado com o que vi. Uma comprida mesa estava posta, parecia pronta a receber visitantes. Havia bandejas com batatas fritas, croquetes, rissóis, risoles de queijo e presunto, nuggets de frango, trouxinhas recheadas, enroladinhos de salsicha, pasteis de massa folhada ... tantos, mas tantos salgados! Chamei, àquele lugar, Salgalândia.

Para melhor conhecer a pequena e curiosa ilha, decidi dar mais uma caminhada. Voltei a ficar surpreendido. As folhas das árvores eram batatas fritas, os troncos salsichas e o chão bolinhas de queijo. As pequenas casas eram revestidas de empadas e todas tinham duas janelas. Até ao momento não tinha encontrado nenhum habitante daquela ilha tão invulgar.

Olhei em frente e um magote de pessoas rodeava a mesa. Aproximei-me. Todos saboreavam alegremente aqueles manjares. Eu aproveitei e experimentei também algumas daquelas iguarias.

Estava na hora de regressar. Peguei na minha bússola para não me perder. No caminho encontrei um museu com a forma de uma enorme empada. Entrei e visitei a exposição de salgados típicos de todo o mundo e as suas receitas.

Voltei para o barco com a barriga cheia e ansioso por relatar todas as aventuras que vivi na tão invulgar ilha.

## A TERRA LONGÍNQUA

Navegávamos há várias horas por águas calmas, eu e minha tripulação, quando avistámos uma terra longínqua. Aproximámo-nos e desembarcámos. Imediatamente, a Capitã nos ordenou que, separadamente, fôssemos à descoberta e antes do anoitecer deveríamos estar de regresso ao barco para seguir viagem.

Peguei na minha bússola e binóculos, dirigi-me para o norte do território. O caminho era estreito, sinuoso e com vegetação densa. Após algum tempo de caminhada, cheguei finalmente a uma planície muito verdejante e com um grande lago.

Fui-me aproximando, a água era límpida e cristalina. Decidi dar um mergulho neste incrível lago, a temperatura da água também era aprazível.

Depois de alguns minutos a descansar decidi continuar a minha exploração. Ao longe avistei um animal, parecia um pouco estranho. Quis logo conhecê-lo. Aproximei-me e escondi-me atrás de um enorme penedo. Dali podia observar aquele ser enigmático. Fiquei surpreendido com o que vi. Tinha corpo de leão, mas cabeça e asas de águia. Não conhecia ser semelhante. Desenhei-o ao pormenor e segui viagem.

Depois de várias horas a caminhar por esta extensa planície decidi voltar ao barco para contar o que tinha visto, mas também estava muito curioso para ouvir as aventuras dos meus amigos.

## A ILHA DAS PALMEIRAS

Num dia de sol, aceitei embarcar numa misteriosa viagem de barco juntamente com outros exploradores e a Capitã do navio. Íamos em busca de um arquipélago ainda desconhecido.

Enfrentámos grandes desafios ao longo da viagem. De repente, na lente dos meus binóculos apareceu um pedaço de terra. Avisei imediatamente a Capitã e dirigimo-nos para lá muito entusiasmados.

Passado pouco tempo chegámos a terra. Só nesse momento nos apercebemos de que era o arquipélago que procurávamos. Era constituído por dez ilhas todas diferentes. A capitã escolheu os seus dez marinheiros mais leais e atribuiu-lhes ilhas para cada um explorar. Eu fiquei com a maior do arquipélago. Entusiasmado, fui explorar a ilha e comecei por lhe dar um nome. “Ilha das Palmeiras”, porque ali havia muitas árvores daquela espécie.

Primeiro descobri uma praia magnífica com águas azul-turquesa e areia fina e sedosa. Depois de percorrer a extensa e deslumbrante praia, decidi explorar a densa floresta de palmeiras. Encontrei cocos caídos no chão, avistei manadas de elefantes e de girafas e muitos papagaios a sobrevoar a ilha. Estava maravilhado!

Continuei a caminhar. Numa clareira do bosque encontrei cabanas de madeira e de palha: pareceu-me um povoado muito antigo. Fiquei curioso e decidi entrar numa cabana. Dentro, encontrei uma cozinha com tachos muito velhos, quadros nas paredes cobertos de teias de aranha, uma cama muito antiga e móveis de madeira já apodrecida.

De repente, ouvi um barulho vindo da cabana ao lado e decidi ir lá ver. Apareceu à minha frente um cãozinho com pelo castanho, parecia abandonado e decidi ficar com ele. Chamei-lhe Bob.

Estava encerrada a exploração da “Ilha das Palmeiras”. Era hora de regressar a casa com o meu novo amigo peludo.



## A TERRA DA CRATERA DO TESOURO

Num belo dia, eu e minha tripulação iniciámos uma expedição num barco memorável – *que se dizia ter pertencido* ao famoso Navegador Vasco da Gama.

*Depois de uma longa viagem*, ancorámos o barco e desembarcámos num lugar distante e ainda desconhecido. Olhei para ver se havia perigo, mas como não avistei qualquer problema iniciámos a jornada.

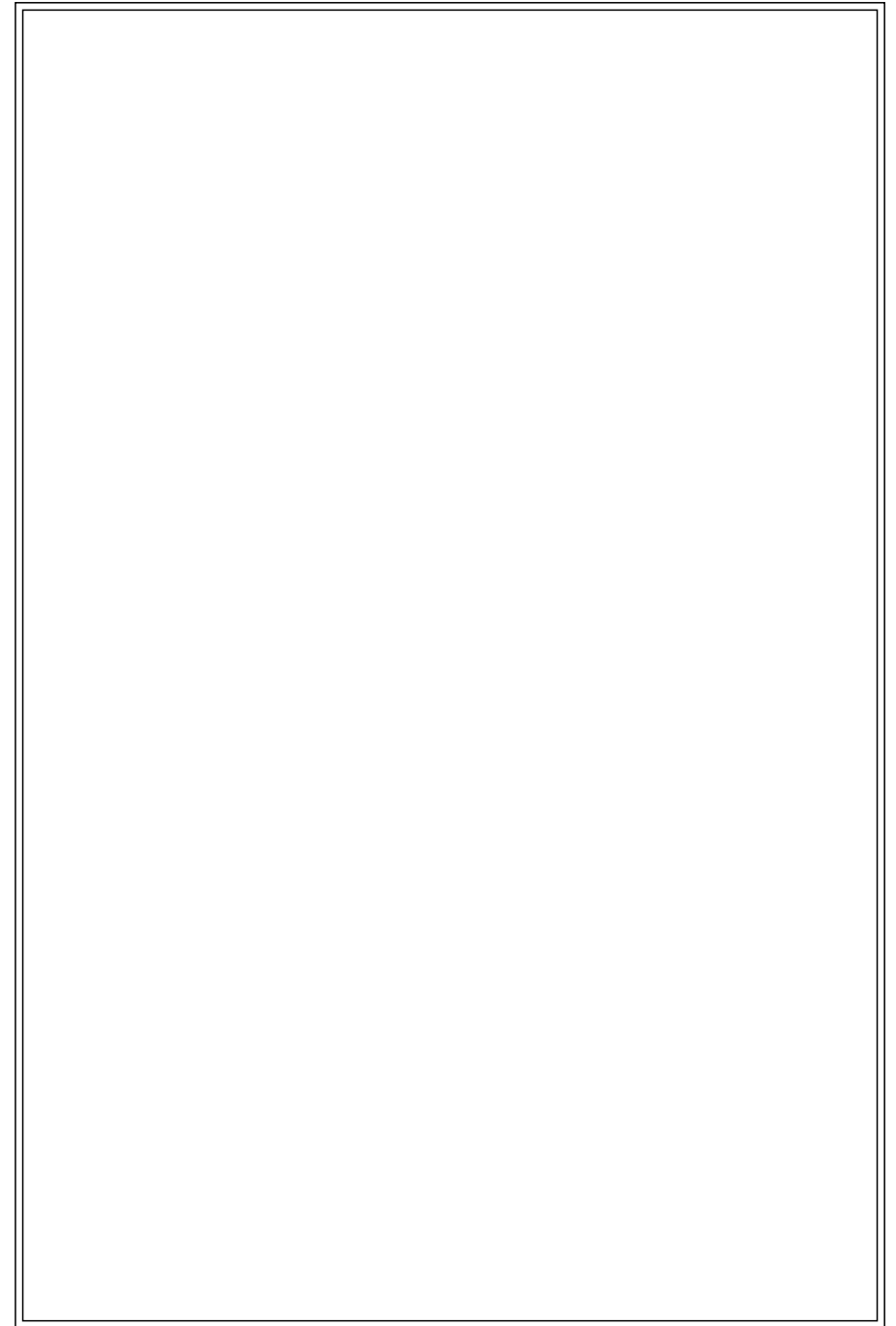
Comecei a caminhar, queria conhecer todo aquele território. De repente, avistei um ser bem estranho. Dei-lhe o nome de Chico. Era vesgo, tinha um dos pés torto, mas conseguia ver coisas que mais ninguém via. Ficámos amigos.

Caminhámos juntos algum tempo. Fomos trocando ideias. Pouco tempo depois, vi um sapo a saltar até ao topo de um cone vulcânico. O Chico disse-me que era um vulcão inativo e que estava adormecido há centenas de anos, mas, ocasionalmente, ainda emitia gases e vapores de água.

Fiquei muito curioso e comecei logo a escalar a montanha. Queria chegar rapidamente ao topo. Fiquei impressionado com aquela enorme cratera! Gritei, boquiaberto, ao ver um baú cheio de moedas de diversos tamanhos, mesmo no centro da cratera do vulcão.

Iniciámos o resgate. Foi difícil, mas depois de muito esforço e com a ajuda do Chico, conseguimos trazer o baú até à superfície.

Despedi-me do meu novo amigo e iniciei a viagem de regresso. Estava feliz e cheio de surpresas para relatar aos meus colegas de tripulação. Porém, apareceu Xraken para estragar o momento... mas não consegui, porque lutei com ele e consegui derrotá-lo.





O projeto "O Outro Marco Polo, que viajou – talvez – com Fernão de Magalhães", realizado com alunos dos 3.º e 4.º anos do Agrupamento de Escolas Grão Vasco (Viseu), é uma iniciativa da Memória Comum – Associação para os Museus Municipais – Viseu, por ocasião dos 500 anos da partida da Expedição de Fernão de Magalhães que completou a primeira viagem de circum-navegação ao globo terrestre.